

---

**METAMORFOSES DE MITOS LITERÁRIOS  
NA LITERATURA DE LÍNGUA ESPANHOLA  
E DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Metamorfosis de los Mitos Literarios en las Literaturas  
de lengua española y lengua portuguesa

Maira Angélica Pandolfi<sup>1</sup>

**RESUMO:** Pretende-se tratar da compreensão da narrativa dos mitos literários como uma narrativa que se alimenta de si mesma, visto que, passando de memória em memória, deixando e retendo coisas, ela não perde nada de seus traços constitutivos. Ocorre, no entanto, a dessacralização de seus elementos que se efetua a partir da transformação imposta com a passagem do tempo. Devido ao tratamento de mitos literários universais como Dom Quixote e Dom Juan, a proposta dessa comunicação realiza um recorte dessa presença na Literatura Comparada de obras escritas apenas em língua espanhola e em língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mitos Literários; Dom Quixote; Dom Juan

**RESUMEN:** Se objetiva enfocar la escritura de los mitos literarios como una narrativa que se autoalimenta, puesto que desde la memoria, y con el paso del tiempo, suele apropiarse o despojarse de algunos de sus elementos constitutivos sin perder en nada sus rasgos distintivos. Hay, sin embargo, un proceso de desacralización de sus elementos que resulta de los cambios históricos. Por tratarse de mitos literarios universales, como Don Quijote y Don Juan, se hace necesario una selección de su presencia en la Literatura Comparada de obras escritas sólo en lengua española y en lengua portuguesa.

**PALABRAS-CLAVE:** Mitos Literarios; Don Quijote; Don Juan

Pierre Brunel (2005, p.15), no prefácio ao *Dicionário de Mitos Literários* que organizou, afirma que “não se pode abordar o estudo do mito literário sem antes levar em conta o mito propriamente dito, o que não significa que o mito literário seja somente o mito na literatura”.

---

<sup>1</sup> Docente da Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP; pesquisadora apoiada pelo PROPG/Fundunesp.

Há muitos aspectos comuns entre o mito, e suas funções, e os mitos literários. Porém, devemos estar atentos às diferenças entre as duas concepções de mito, sobretudo, à gênese e ao desempenho de cada uma delas, apesar dos diversos aspectos semelhantes que as unem. Dentre eles, é preciso considerar o percurso das funções dos mitos, traçado por Brunel a partir da leitura de filósofos, antropólogos, mitólogos, teóricos da literatura e historiadores das religiões como: Platão, Sócrates, Aristóteles, Mircea Eliade, Gilbert Durand, Roland Barthes, André Jones, Claude Lévi-Strauss, Raymond Trousson, Pierre Albouy, Jean Rousset, Philippe Sellier e André Dabiezies.

Ao investigar as funções dos mitos nas reflexões dos estudiosos supracitados, Brunel constata que, em primeiro lugar, o mito é uma narrativa com um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas e não propriamente uma imagem. Além disso, uma das funções dos mitos é explicar a gênese de algo; à maneira do que se observa no *Gênesis* bíblico. O mito é uma revelação e pode ser considerado como uma história sagrada. Há nele a força de uma tradição da qual a literatura se alimenta e se molda, contribuindo para a formação de uma tradição mitológico-literária. Desse modo, é comum conhecermos os mitos por meio da literatura e muitos teóricos se dispõem a estudar o mito na literatura pelo viés diacrônico, buscando uma dimensão de conjunto.

Nos primeiros estudos de Raymond Trousson, a análise dos mitos se confundia com a análise de tema. Mas, na década de 1980, ao reformular esses estudos, Trousson propôs uma divisão entre temas e mitos. Já Pierre Albouy inovou a abordagem dos mitos na literatura, sugerindo que fosse nomeado de mito literário aquilo que Trousson chamava de tema. O mito, assim, passa a ser associado a uma ideia de “tradição literária” e sua análise tem como ponto de partida a retomada criativa do mito por meio de um autor que busca nessa tradição uma via mais eficaz de exprimir os problemas de sua época. Um mito literário pode ilustrar um tema, mas vai muito além ao fundar uma espécie de “roteiro literário”, ao mesmo tempo metamorfoseante e fechado, formado por elementos que Jean Rousset denomina de “invariantes”. Outra reflexão decisiva para a precisão do termo veio de Philippe Sellier, quem passou a distinguir, ainda na década de 80, os mitos dos mitos literários, afirmando que os últimos não fundam nada, são assinados por autores e não são considerados verdadeiros. Mesmo assim, ambos os mitos são constituídos por narrativas de saturação simbólica, organização fechada e iluminação metafísica, ainda que os mitos literários não se reduzam aos mitos etno-religiosos e nem a variações da mitologia grega. Eles são, antes de tudo, o resultado da criatividade de seus autores e

frutos de um contexto histórico específico. Brunel chama os mitos literários de recém-nascidos, cuja origem se deu no Ocidente Moderno, tais como Tristão e Isolda, Fausto e Dom Juan. Isso também não quer dizer que não existam em seus “roteiros literários” elementos míticos e religiosos como o pacto com o diabo em Fausto e a estátua de pedra em Dom Juan (BRUNEL, 2005, p. 19).

Para Carmen Becerra Suárez (1997), o estudo dos mitos na literatura adquiriu maior relevância e impulso a partir da década de 1930, devido à influência da psicanálise e de mitólogos importantes como Mircea Eliade. Em sua obra *Mito e Literatura — estudio comparado de Don Juan*, — Becerra Suárez compartilha o mesmo ponto de vista do antropólogo social Julián Pitt-Rivers, que adota uma postura crítica em relação às teorias de Leach e de Lévi-Strauss, concluindo que devemos distinguir entre “mitos puros” e demais mitos. Os mitos puros estão ligados às sociedades de tipo oral e os demais mitos contêm preceitos e uma carga moral que os mitos puros não têm. Enquanto os mitos puros estão voltados para a imaginação, e não para um momento histórico específico, os demais mitos são frutos de um contexto real e se fundamentam em ações, podendo ser considerados, portanto, “mitos de conduta”. Embora os mitos puros e os demais mitos estejam ancorados no passado, os últimos buscam sempre uma relação com o presente; uma autoridade para exercer no momento atual. Além disso, a autora afirma que os mitos literários, tanto os de autores ignorados quanto os de autores conhecidos, não somente compartilham da categoria “mito”, entendida desde a perspectiva antropológica, como também podem ser estudados à luz do método estrutural. A aplicação desse método está sujeita, no entanto, a um maior ou menor grau de complexidade que cada releitura apresenta, pois sua estrutura estará sempre sujeita às variações históricas, sociais, geográficas, religiosas e culturais (BECERRA SUÁREZ, 1997, p. 20). Para esta autora, a utilização do método estrutural teve a vantagem de combater aquela velha ideia de que o conteúdo dos mitos é falso ou irreal, além de ter elevado à categoria de mito aquelas lendas e personagens que a antropologia se negava a reconhecer. Os mitos literários, além de possuírem características comuns aos mitos de tradição oral, contam com uma estrutura que pode ser dividida em “mitemas”. É preciso ainda, no âmbito dos estudos estruturais dos mitos, refletir acerca dos caracteres comuns e dos caracteres específicos. Os primeiros são aqueles que todos os mitos possuem, enquanto os específicos são os caracteres de um mito determinado que retorna em outras versões e variações, diferenciando-se dos anteriores e fixando uma nova estrutura. Se em uma de suas reescrituras ao longo do tempo um mito literário perder um de seus caracteres específicos estaremos diante de um

processo de desmitificação. Já no processo de remitificação o que ocorre é o caminho inverso, ou seja, a devolução de um dos elementos específicos que o mito tinha perdido, bem como a adição de novos elementos específicos a esse mesmo mito em questão ou até mesmo o nascimento de um novo mito distinto do anterior.

Um grande marco nos estudos comparatistas dos mitos literários foi o Congresso Internacional realizado na Universidade de Castilla-La Mancha em 2007, que resultou na publicação da obra *Reescrituras de los mitos en la literatura: estudios de mitocrítica y de literatura comparada* (2008). Essa obra está dividida em seis partes, a saber: “Reescrituras Modernas de mitos de la Antigüedad griega y latina”; “Proyección y Reescritura de mitos de la cultura judeocristiana”; “Reescritura y pervivencia de los mitos artúricos”; “Aspectos de la reescritura del mito de Don Quijote y del mito de Don Juan”; “Reescritura de los temas y mitos de la Postmodernidad y de la Ciencia-Ficción”.

Quanto às considerações tecidas até o momento, convém destacar como exemplo as palavras de Juan Herrero Cecilia e Montserrat Morales Peco sobre os mitos de Dom Quixote e Dom Juan:

Don Quijote y Don Juan no son mitos “literarizados” que provienen de una cultura colectiva oral y ancestral sino que ambos pertenecen a otro tipo de mitos que se conocen normalmente como “mitos literarios”. El mito literario adquiere forma y manifestación en un texto de ficción elaborado por un autor individual, aunque ese autor se haya podido inspirar en alguna tradición popular o en la vida de algún personaje histórico. El elemento fundador es ahora un texto literario determinado creado por un autor individual (por ejemplo, El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha de Miguel de Cervantes). El comportamiento del personaje principal encarna un tipo de orientación o de respuesta a un conflicto entre aspiraciones profundas o fuerzas contrapuestas frente a las cuales el individuo reacciona para construir el sentido de su problemática identidad. La orientación de esa problemática adquiere en el personaje literario un simbolismo considerado paradigmático o ejemplar por su proyección universal. Por eso mismo, el “mito literario” va a suscitar un interés y una continuidad motivando en otros escritores nuevas versiones o adaptaciones de su esquema narrativo. Así como ha

puesto de relieve Canavaggio en Don Quichotte, du livre au mythe (2005), los románticos alemanes supieron ver en la búsqueda existencial de Don Quijote a un “mensajero del ideal” porque esa búsqueda manifiesta, por vía del arte literario, el conflicto o la tensión entre el ideal y la realidad (2008, p.22-23).

Como parte do exposto, tudo indica que uma das características primordiais dos mitos assinalados seja a de comportar “modelos exemplares”, positivos ou negativos, que contribuam para iluminar o sentido problemático de nossa existência no mundo (HERRERO CECILIA; MORALES PECO, 2008, p. 26).

Segundo a cervantista brasileira Maria Augusta da Costa Vieira (2000, p. 113) a atuação de Quixote, por mais que deságue no desengano final e que esteja centrada na loucura, é guiada por um sentido épico que acredita na luta, na resistência, nas mudanças e nos valores propondo, assim, uma nova ordem para o mundo. Além disso, Vieira (2000) descreve uma série de procedimentos intrínsecos à própria obra cervantina que contribuíram para sua conversão em mito, fazendo um caminho contrário ao que geralmente acontece na tradição mitológica. Uma das características mais evidentes é a ambiguidade que ronda a identidade de Dom Quixote, confundindo o estatuto de pessoa com o de personagem. Esse dilema realidade/ficção alude ao que alguns estudiosos consideravam sobre o mito em épocas passadas, ou seja, como uma “história verdadeira”. A própria personagem é dominada pelo poder do mito ao tentar imitar os feitos dos grandes cavaleiros andantes a fim de restituir um passado glorioso. Vieira parte, em sua análise, do conceito de mito como algo que abarca esse espaço ambíguo entre a identidade histórica e o caráter ficcional. Nessa perspectiva, a estudiosa também afirma que o caráter mítico da obra resulta de efeitos produzidos pela própria escritura cervantina, que faz com que a personagem principal se mova entre realidades imaginadas e espaços reais. O desdobramento dessa ambiguidade na obra é acentuado na segunda parte, de 1615, em razão de seu enfoque metaficcional. É quando Dom Quixote recebe em sua casa a visita de Sancho e este lhe informa sobre a opinião dos leitores quanto à publicação da primeira parte do livro *Dom Quixote*. Aparece, ainda, na casa de Dom Quixote, um de seus leitores, o bacharel Sansón Carrasco, estudante de Salamanca, que conta ao fidalgo que o autor das aventuras de Quixote e Sancho foi um árabe, Cide Hamete Benengeli (autor ficcional da obra criado por Cervantes), e que depois o livro foi traduzido ao castelhano. Enfim, essa revelação produz um fato extraordinário, pois o que havíamos

lido até o momento como fruto das loucuras do cavaleiro em choque com a realidade ganha outro estatuto, ou seja, um estatuto histórico, visto que o narrador afirma tratar-se de uma história verdadeira, registrada nos Anais da época, encontrada e contada pelo autor árabe e posteriormente traduzida ao castelhano. Assim, Dom Quixote e Sancho adquirem, nesse momento, a condição de pessoas (além de personagens) que discutem com leitores aspectos de uma obra literária na qual estão totalmente envolvidos. Por outro lado, a pessoa de Cervantes, autor de Quixote, ganha um estatuto de personagem na obra, com a criação de uma autoria ficcional para a história por meio do árabe Cide Hamete. Esses jogos de máscaras trazem à tona o caráter dramático do romance de Cervantes, colocando à mostra as complexas estratégias formais que utilizou na época, com especial ênfase para o seu registro metaficcional e do qual todo romance moderno lhe é devedor.

Ao tratar da recepção do Quixote no Brasil em *Dom Quixote: utopias* (2005), organizado por André Trouche e Livia Reis, Maria Augusta da Costa Vieira volta a discutir o mito criado por uma obra que, segundo ela, é bastante conhecida e pouco lida. Em consequência, são atribuídos à escritura de Cervantes sentidos muitas vezes avessos a ela própria. Um exemplo seria a interpretação da exaltação da fé do cavaleiro como algo nobre e digno de ser seguido enquanto o que pretendia Cervantes era fazer a crítica ao ridículo da fé absoluta desse mesmo cavaleiro. Essa forma de conceber o cavaleiro manchego, construída pelas sucessivas leituras ao longo do tempo, parece não corresponder ao texto cervantino, mas a uma interpretação mais livre de seu simbolismo. Esse fenômeno no Brasil deve estar relacionado, segundo Vieira, à ausência de uma tradição de estudos hispânicos e cervantinos. Assim sendo, conclui que “o inusitado cavaleiro muitas vezes amoldou-se ao mito ou à leitura da obra lapidada pela interpretação romântica e ajustou-se às questões que inquietavam o panorama nacional” (VIEIRA, 2005, p. 25). Há, no Brasil, um repertório considerável de recriações quixotescas que geralmente privilegiam a figura do cavaleiro e seus sentidos, ao lado de seu escudeiro, e raramente com a amada. Também é relevante acrescentar o peso das interpretações dos românticos alemães na difusão da obra de Cervantes, pautada na loucura do cavaleiro como algo maior, como algo em conexão com a História, de modo que as loucuras passariam a representar as aspirações de determinados grupos sociais em diferentes épocas.

Na literatura brasileira figura uma galeria de personagens romanescos recriados à luz do mito quixotesco, encarnando sempre elevados projetos humanitários e confiantes na transformação do mundo. Policarpo

Quaresma, protagonista da obra de Lima Barreto, é um exemplo de personagem recriado a partir do mito quixotesco e situado, assim como Dom Quixote, entre o trágico e o cômico, entre a loucura e a sensatez. Além disso, como assinala Vieira, seu projeto é “essencialmente ingênuo e grandioso, que teve que se deslocar do âmbito da épica para o mundo circunscrito da individualidade” (2005, p. 28). Outra reminiscência que guarda marcas quixotescas em nosso romance é o coronel Vitorino de *Fogo Morto*, obra de José Lins do Rego. São esses alguns exemplos de recriações pautadas pelo viés do mito quixotesco, uma vez que a influência da escritura cervantina nos romances brasileiros, sobretudo os de Machado de Assis, foi raramente analisada, apesar das referências explícitas e implícitas, aguardando ainda seus merecidos estudos. Por essa razão, Maria Augusta da Costa Vieira conclui:

Talvez não seja precipitado afirmar que o silêncio da crítica machadiana em relação ao Quixote se deva ao conhecimento diminuto em relação à obra de Cervantes. Não é necessário percorrer toda a obra de Machado de Assis para constatar, por exemplo, a presença do humor e da ironia, de personagens vítimas de uma idéia fixa e a recorrência ao tema da loucura imbricada com a razão, questões que se encontram no núcleo da própria identidade de Dom Quixote [...] (2005, p. 29).

Como exemplo atual da recepção de Dom Quixote na Espanha, podemos mencionar os estudos de María Fernández Ferreiro (2014), que em sua tese de Doutorado analisou a influência de Dom Quixote no teatro espanhol contemporâneo em adaptações e recriações, desde 1900 a 2010. As adaptações correspondem ao intento de transformar o romance de Cervantes em peça teatral, adaptando um ou vários episódios presentes na prosa cervantina. A intenção das recriações, por outro lado, não é exatamente levar o romance de Cervantes ao teatro, mas inspirar-se nele, fazendo livres interpretações e tomando, geralmente, personagens cervantinos para colocá-los em novas aventuras. A forte presença das adaptações teatrais espanholas baseadas na obra de Cervantes, desde o século XVII até os dias de hoje, justifica-se pelo registro dramático que comporta o romance. Além disso, essas produções são muito diversificadas e, segundo a estudiosa, resultam das facilidades que o texto de Dom Quixote apresenta para ser conduzido ao teatro. Esse fenômeno também é resultado da concepção de mito quixotesco, que transforma os sentidos do romance em respostas a questões pertinentes à

sociedade contemporânea. Sobre os aspectos formais, ou relacionados à escritura cervantina, destacam-se as recriações de caráter metaficcional. Sobre o conteúdo e os objetivos das adaptações, estas costumam tecer homenagem a Cervantes e reivindicam o Quixote como ícone cultural. Enquanto grande parte das adaptações e recriações tem como intenção primeira a difusão da obra cervantina entre o novo público e partem de um registro cômico, muitas outras são motivadas pelo mito quixotesco e mantém relações profundas com o idealismo do protagonista (fortemente vinculadas à interpretação romântica); à denúncia social ou à reflexão metafísica.<sup>2</sup>

É possível afirmar que a atualização de um relato mítico ancestral em uma obra literária tende a adotar uma estruturação e um simbolismo metafísico muito particular. A atividade artística da reescritura pressupõe sempre um tipo de relação dialógica entre enunciados produzidos por diferentes sujeitos, nos mais diversos gêneros artísticos como o teatro, o cinema, a música e a pintura. Desse modo, trabalhar com as reescrituras de mitos literários é também estabelecer uma relação interartes no universo do Comparatismo. Muitas perguntas problemáticas suscitadas em distintos períodos históricos, também conhecidas como Mitologemas, são respondidas por meio de narrações míticas. O esquema essencial dessas narrativas coloca em cena o enfrentamento entre forças antagônicas motivadas por seres humanos insatisfeitos e incompletos. Apesar do avanço da ciência, o homem continua se fazendo as mesmas perguntas diante do mistério de sua própria identidade, da força misteriosa do mal, da perversão, do desejo de imortalidade, dentre outras. A versão literária de um mito coletivo ou ancestral em uma obra específica, de um autor concreto, poderá ser recolhida e reformulada por outros autores, em diferentes momentos históricos, estabelecendo com ela uma relação de “hipertextualidade” ao vesti-la com novas roupagens. O motivo do jovem garboso que tropeça em uma caveira e a desafia para um jantar é um mito europeu ancestral e coletivo, que volta a aparecer ficcionalizado em Tirso de Molina, no contexto espanhol do século XVII, com o motivo da estátua de pedra; símbolo das leis morais

---

<sup>2</sup> Todas essas considerações sobre a recepção da obra de Cervantes na Espanha, especialmente a influência da prosa de Dom Quixote nas recriações teatrais contemporâneas, foram retiradas da tese de doutorado de María Fernández Ferreiro — *La influencia del Quijote en el teatro español contemporáneo. Adaptaciones y recreaciones quijotescas (1900-2010)*, orientada por Emílio Martínez Mata, e defendida na Universidade de Oviedo, Espanha, 2014. Parte desses estudos foram apresentados pela autora em comunicação oral apresentada no IX CINDAC (Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas), ocorrido na Universidade de São Paulo (USP), em 2015. Alguns capítulos da tese, em vias de publicação, nos foram gentilmente cedidos pela autora.



contrarreformistas empenhadas em deter os hereges transgressores das normas vigentes. É a partir da retomada desse mito coletivo por um padre da Ordem das Mercês, ao decidir escrever uma peça teológica, que surge *El burlador de Sevilla y el convidado de piedra*, drama espanhol de 1630 que cria todo o “roteiro literário” que dá origem ao mito de Dom Juan, o protótipo do eterno sedutor.

Em 1908, Victor Said Armesto publicou em Madrid *La leyenda de Don Juan — orígenes poéticos de El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra*, na qual afirma que as origens do mito literário de Don Juan são espanholas, apesar de seu tema circular por toda Europa muito antes de nascer o drama de Tirso de Molina. Em busca de uma causa real ou de uma explicação mais racional para o extravagante convite feito pelo burlador à sua própria vítima, Said Armesto vincula-o diretamente a antigos rituais documentados nos romances castelhanos e contos galegos e portugueses acerca dos banquetes em homenagem aos mortos, ocorridos no interior das igrejas no dia de finados; uma cultura muito arraigada na Galícia antes mesmo do século XVI e que formava parte de uma superstição popular na qual os mortos também sofrem com a fome e com a sede, podendo retornar ao mundo dos vivos para cobrar assento à mesa.

No drama criado por Tirso de Molina se mantém o interesse medieval pelos aspectos religiosos e morais, contidos em lendas e romances sobre libertinos condenados pela justiça divina, mas se cria, ao mesmo tempo, um herói de sensualidade marcante e admirado, inclusive, por determinadas qualidades como a valentia. Nas revisitações contemporâneas ao mito literário de Dom Juan nos encontramos, muitas vezes, diante da mesma trama e personagens principais, mas as questões propostas como mitologemas nos dias de hoje são completamente diferentes, atribuindo novos significados aos símbolos como, por exemplo, a estátua de pedra. A adaptação do mito realizada pelo escritor italiano Alessandro Baricco (2010) é um exemplo muito significativo dessa mudança. Nessa obra, Baricco utiliza-se da simbologia da estátua de pedra não mais para punir o sedutor, apesar de manter uma trama muito semelhante à da matriz tirsiana, mas para propor aos jovens de hoje uma reflexão sobre as questões que envolvem a alteridade, terminando sua adaptação com algumas reflexões e indagações abertas a esse público:

Somos culpados quando desejamos algo que causa prejuízo a outras pessoas? Os nossos desejos são sempre inocentes e temos direito a torná-los realidade? Não é uma pergunta fácil. Você pode passar toda a sua vida buscando

inutilmente uma resposta. Eu posso dizer apenas uma coisa: se um dia você encontrar a resposta, dê sinal de vida (BARICCO, 2010, p. 94, tradução nossa).

Como é possível notar, uma das características mais comuns nas revisitações míticas é a ocorrência da transposição de um tema ancestral (nesse caso, a relação entre os vivos e os mortos) para aludir a questões de alteridade entre os vivos, assim como fez Baricco. Como resultado, temos a conjugação do eterno, que configura o mito, com o histórico, que configura o mito literário. Sua análise crítica requer, portanto, não apenas o auxílio do instrumental teórico deixado pelos estruturalistas, mas também das teorias sobre a linguagem propostas por Bakhtin e Kristeva, das reflexões sobre alteridade e das discussões de gênero, amplamente desenvolvidas hoje no âmbito dos estudos culturais.

Se desde muito cedo Dom Quixote gozou de grande esplendor e difusão na literatura brasileira, sobretudo com as adaptações infantis que tiveram na figura de Monteiro Lobato seu primeiro grande impulso com *Dom Quixote das Crianças*, o grande sedutor Dom Juan também não deixa nada a desejar. São bem conhecidos os poemas que Álvares de Azevedo e Castro Alves dedicaram à memória de Dom Juan, apesar de pouco estudados ainda por esse prisma. Arthur Azevedo e Machado de Assis também renderam homenagens a ele. Em seu texto “Um Dom Juan de província” Arthur Azevedo revisita o jovem garboso de capa espanhola que surge nas horas mortas para seduzir recatadas senhoras e desafiar bravos varões. Já Machado de Assis em um conto intitulado “Questão de vaidade” chega a sair em sua defesa questionando a punição do anti-herói namorador. Até nesse sentido o prodigioso Machado é vanguarda e tende a se aproximar de algumas tendências contemporâneas na revisitação ao mito. Em um discurso bastante conhecido na fortuna crítica espanhola sobre o Mito de Dom Juan, Guillermo Díaz-Plaja (1944) reitera o caráter universal do mais famoso burlador nascido da pena de um eclesiástico em 1630. Gabriel Téllez, mais conhecido como Tirso de Molina, ao escrever o drama *El Burlador de Sevilla y Convidado de Piedra* jamais poderia imaginar que Dom Juan saltaria das páginas de seu teatro para o teatro do mundo. Os críticos, de um modo geral, estão de acordo que o desejo renascentista que o herói nutre por gozar a vida adaptou-se bem à obra de cosmovisão barroca de Tirso de Molina ganhando, assim, um caráter fronteiro e fugaz. Sua força dramática reside justamente nesse aspecto, ou seja, estar entre a ânsia de viver e o temor da morte, visto que estava ancorado a uma Espanha profundamente católica e contrarreformista. Pesquisas recentes sobre as releituras do Mito de Dom Juan nas literaturas de

língua espanhola e língua portuguesa têm mostrado a grande influência da peça espanhola barroca nos dias de hoje, fazendo ressurgir um Dom Juan jocoso e burlador em contraste com o sedutor romântico difundido pelo cinema e telenovelas.<sup>3</sup>

A partir das primeiras décadas do século XX a presença de Dom Juan e do donjuanismo na literatura brasileira intensifica-se ainda mais, ganhando novo matiz em Manuel Bandeira, que desde sua primeira obra poética homenageia Dom Juan, além da tradução ao português, em 1960, da peça *Dom Juan Tenorio*, do romântico espanhol José Zorilla. Há muito donjuanismo também em obras de Jorge Amado e no cordel brasileiro. Nas adaptações ao teatro, de meados do século XX, predomina a vertente francesa do mito de Dom Juan, que se utiliza de Molière como referência, mas nos dias atuais os tipos donjuanescos, o donjuanismo e também a releitura dos elementos que estruturam a matriz espanhola barroca sofrem um processo de remitificação e, muitas vezes, de fusão entre o Mito Fáustico e o Mito de Dom Juan, principalmente nas adaptações teatrais. Essa fusão também aparece no poema “A angústia de D. João”, de Menotti del Picchia<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Desde 2013, após estágio realizado na Universidade de Salamanca (Espanha), com auxílio financeiro da PROPG/Fundunesp, coordeno projetos de pesquisa sobre o mito de Dom Juan, que complementam um estudo mais amplo sobre “O sentido do donjuanismo em obras literárias do século XX e XXI: relações de gênero, alteridade e interdisciplinaridade na configuração do mito”, desenvolvido no âmbito dos projetos de pesquisa da Pós-Graduação e do Departamento de Letras Modernas da UNESP, *campus* de Assis. Para uma melhor compreensão sobre a influência da matriz espanhola de Tirso de Molina na literatura contemporânea de língua espanhola e de língua portuguesa, sugerimos a leitura dos artigos “Autodescoberta simbólica: do fantástico ao insólito na literatura erótica de Gabriel Lacerda e Álvaro Cardoso Gomes” (2015) e “Mito de Don Juan, releitura de conto de fadas e antropofagia erótica em Callejón Sin Salida: a bela e a fera de Lazaro Covadlo” (2015). A citação completa de ambos os estudos encontra-se nas referências bibliográficas ao final do artigo. Destaco também a pesquisa realizada pela aluna do ensino médio Bruna Castilho Escobar, com o auxílio da BOLSA PIBIC Jr/CNPq, em 2014 e 2015, o qual revelou um mapeamento amplo e bastante significativo da presença do mito de Dom Juan na literatura brasileira de ontem e de hoje, cujo resultado foi apresentado no XXVII Congresso de Iniciação Científica da UNESP sob o título: “A jornada donjuanesca na literatura brasileira: um mosaico de referências”. O pioneirismo do estudo do mito de Dom Juan no Brasil e rastreamento de sua presença na cultura brasileira se devem aos trabalhos de Esther Abreu Vieira de Oliveira, autora de *O Mito de D. Juan: sua relação com Eros e Thanatos* (1996). Outro trabalho de grande mérito nos estudos donjuanescos na literatura brasileira é a obra *Do penhor à pena: estudos do mito de Don Juan, desdobra mentos e equivalências* (2005), de Jorge de Souza Araújo. Na literatura portuguesa, uma obra de referência nos estudos do donjuanismo é a de Urbano Tavares Rodrigues, intitulado *O Mito de D. Juan e outros ensaios de escrever* (2005).

<sup>4</sup> Todas as informações sobre a recepção do Mito de Dom Juan na literatura brasileira, aqui assinaladas, são frutos da pesquisa “Presença do Mito de Don Juan na Literatura Brasileira de ontem e de hoje”, realizada por minha orientanda, bolsista PIBIC Jr do CNPq, Bruna Castilho

Em *Las metamorfosis del seductor*, José Lasaga Medina (2004, p. 229) se pergunta como seria um Dom Juan que seduzisse e burlasse como uma mulher e acrescenta que, apesar da inegável fortuna literária das donjuanas, esse “Dom Juan feminino”, que somente poderia ser pleno se fosse criado por uma mulher, dificilmente poderá ser simétrico ao masculino. Essa dificuldade de simetria talvez explique a escassez da face feminina do sedutor na escritura de mulheres. A propósito, Medina arrisca lançar uma hipótese: essa ausência estaria relacionada, provavelmente, tanto à história do “masculino” e do “feminino” como também ao fundo mítico da história de Don Juan. Nesse sentido, a obra *A mulher que venceu Don Juan* (2013), da escritora portuguesa Teresa Martins Marques, representa um marco na escritura feminina das “donjuanas” contemporâneas, que merece ser cuidadosamente estudada a partir das ponderações e hipóteses lançadas pelos estudiosos do Mito de Dom Juan. Sua laboriosa arquitetura literária nos coloca diante de um grande desafio na medida em que cria um tipo donjuanesco criminal como Amaro, portador de psicopatologias; um tipo donjuanesco feminino narcisista, encarnado em Joana; e uma mulher de força sobrenatural como Sara, direcionada aos objetivos humanitários e peça importantíssima na prevenção de possíveis tragédias.

Para Lasaga Medina (2004), tanto Dom Quixote como Dom Juan são arquétipos da modernidade, pois embora ambos tenham raízes medievais eles são, cada um à sua maneira, cavaleiros andantes. Na modernidade, o mundo tornou-se uma superfície homogênea, comenta o crítico (2004, p. 46-7), e pode ser percorrido em todas as direções, pois já não há mais fronteiras. Dom Juan torna-se, então, o primeiro viajante de uma época em que as viagens se convertem em uma necessidade; posto que Dom Quixote obedece ainda a uma lógica interna, ou seja, a uma meta que dirige seus passos. Por essa razão, a diferença deste e de Dom Juan é que o sedutor, diz Lasaga Medina, move-se como um “turista” que não tem destino fixo, já que em todos os lugares pode encontrar mulheres para seduzir e autoridades para afrontar. É que as viagens também são para Dom Juan uma necessidade, já que precisa sempre fugir de suas trapaças, buscando o anonimato para concretizar novas conquistas. Dom Quixote, por outro lado, é levado por sua estrela-guia até onde sua vontade de servir possa ser empregada.

Na literatura espanhola Dom Juan nasce como um burlador, ou seja, um tipo trapaceiro, mentiroso, transgressor de toda ordem e prejudicial, apenas preocupado em gozar o presente. Mas esse Dom Juan instintivo e

---

Escobar, em 2014 e 2015. Foram encontradas, também, obras em que prevalece a faceta feminina do mito de Dom Juan, ainda pouco estudada.

rebelde ganharia uma nova faceta no século XX e XXI: o nascimento de um romântico, de um sedutor apaixonado que persegue um ideal feminino. Assim, segundo Carmen Becerra Suárez (1997, p. 174), o mito passa por uma ramificação em grandes linhas temáticas em torno das quais se vão acumulando as mais diversificadas releituras: Don Juan como exemplo da incapacidade de amar; a reafirmação das qualidades tradicionais; as paródias e imitações jocosas de Dom Juan; Dom Juan invertido: o medo das mulheres e do amor e as recriações do mito.

Um grande divisor de águas na tradição literária espanhola foi o ensaio publicado por Gregorio Marañón na *Revista Occidente* em 1924, “Notas para la biología de Don Juan”, no qual atribui ao herói características homossexuais:

*es esbelto, elegante, de piel fina, cabello ondulado y rostro lampiño o adornado de leve barba puntiaguda. El cuidado minucioso de su vestido, y a veces la llamativa exageración de éste acentúan todavía más esa borrosidad de lo viril en la morfología donjuanesca* (MARAÑÓN, 1967, p. 77-8).

Essa teoria tem uma grande influência em várias versões espanholas donjuanescas do século XX como, por exemplo, o romance de Ramón Pérez de Ayala intitulado *El Tigre Juan*, publicado em 1926. Além desse matiz de ambígua virilidade, Don Juan é profundamente marcado por crises de identidade e pela incapacidade de amar. Nessa linha psicologizante é que nasce também uma filmografia sobre o mito na qual se destaca *Don Juan de Marco*, lançado em 1995.

Said Armesto, Ramiro de Maeztu e Blanca de Los Ríos atribuem a Dom Juan e a Dom Quixote um caráter alegórico ou, em outras palavras, as duas caras de uma mesma moeda: uma Espanha arrogante e renascentista e outra sonhadora e heróica. Said Armesto em *La leyenda de Don Juan* (1908) chega à conclusão de que Dom Quixote é um visionário que leva dentro um herói, enquanto Dom Juan é um fidalgo que leva dentro um pícaro. Nesse aspecto, Said Armesto alude a Miguel de Unamuno (1908) e à resenha que este fez para o seu livro, na qual imagina um encontro entre Dom Quixote e Dom Juan.

De acordo com Jacobo Cortines (2007), essa página, que registraria o célebre encontro entre o enamorado de Aldonza e o sedutor de Doña Inés Unamuno, não se chegou a escrever, pois o próprio Cervantes tratou de frustrar esse encontro fazendo com que seu herói fosse em direção contrária à pátria do sevilhano Dom Juan. Para o autor de *Burlas y Veras de*

*Don Juan* (2007) um confronto entre os dois heróis apenas se torna possível ao retornarmos à Espanha medieval, pátria à qual ambos os heróis pertencem: um por origem (Dom Juan) e o outro por escolha (Dom Quixote). Cortines (2007, p.103) conclui: “*Don Juan es un cortesano de Alfonso XI, un caballero del siglo XIV, aunque no sea modélico precisamente, y Don Quijote alguien que sueña en volver a aquellos tiempos en los que el código de la Caballería había recibido un nuevo impulso*”. Por outro lado, o confronto dos dois heróis proposto por Felipe Benítez Reyes (2005) conclui que, em certa medida, a figura de Dom Juan é o reverso da figura dos cavaleiros andantes, pois este não busca desfazer equívocos e injustiças, mas fomentá-las.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Jorge de Souza. *Do penhor à pena: estudos do mito de Don Juan, desdobramentos e equivalências*. Ilhéus-BA: Editora da UESC, 2005.

BARICCO, Alessandro. *La historia de Don Juan explicada por Alessandro Barrico*. Traducción de Xavier González Rovira. Barcelona: Anagrama, 2010.

BECERRA SUÁREZ, Carmen. *Mito y Literatura — Estudio Comparado de Don Juan*. Espanha: Universidad de Vigo, 1997.

BENÍTEZ REYES, Felipe. *Don Quijote y Don Juan, muñecos místicos*. Málaga: Centro Cultural de la Generación del 27, 2005.

BRUNEL, Pierre (Org.) *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Sussekkind et. al. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CORTINES, Jacobo. *Burlas y Veras de Don Juan*. Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2007.

DÍAZ-PLAJA, G. *Geografía e historia del mito de Don Juan*. Discurso pronunciado en el acto inaugural del curso de teatro 1944-1945. Barcelona, 9 de octubre de 1944.

ESCOBAR, Bruna Castilho; PANDOLFI, Maira Angélica. A jornada donjuanesca na literatura brasileira: um mosaico de referências. Trabalho

apresentado no XXVII Congresso de Iniciação Científica da UNESP, 2015, Assis.

FERNÁNDEZ FERREIRO, María. La influencia del Qujote en el teatro español contemporáneo. Adaptaciones y recreaciones quijotescas (1900-2010). Espanha. Universidad de Oviedo, 2014, 419 p. (Tesis Doctoral dirigida por Emilio Martínez Mata)

HERRERO CECILIA, Juan; MORALES PECO, Montserrat (Coord.) *Reescrituras de los mitos en la literatura: estudios de mitocrítica y de literatura comparada*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2008.

LASAGA MEDINA, José. *Las metamorfosis del seductor — ensayo sobre el mito de Don Juan*. Madrid: Síntesis, 2004.

MARAÑÓN, Gregorio. *Don Juan — ensayos sobre el origen de su leyenda*. Madrid: Espasa Calpe, 1967.

MARQUES, Teresa Martins. *A mulher que venceu Don Juan*. Lisboa: Âncora, 2013.

OLIVEIRA, Esther Abreu Vieira de. *O Mito de D. Juan: sua relação com Eros e Thanatos*. Vitória: Edufes, 1996.

PANDOLFI, Maira Angélica. Autodescoberta simbólica: do fantástico ao insólito na literatura erótica de Gabriel Lacerda e Álvaro Cardoso Gomes. In: GARCÍA, Flávio; PINTO, Marcelo de Oliveira; MICHELLI, Regina (org.) *Vertentes do fantástico no Brasil — tendências da ficção e da crítica*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. p.137-57.

PANDOLFI, Maira Angélica. Mito de Don Juan, releitura de conto de fadas e antropofagia erótica em Callejón Sin Salida: a bela e a fera de Lazaro Covadlo. In: GARCÍA, Flávio; GAMA-KHALIL, Marisa Martins (Orgs.) *Vertentes do Insólito Ficcional — Ensaio I*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015, p.137-61.

RODRIGUES, Urbano Tavares. *O Mito de D. Juan e outros ensaios de escrever*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

SAID ARMESTO, Victor. *La Leyenda de Don Juan — orígenes poéticos de El Burlador de Sevilla y Convidado de piedra*. Madrid: Librería de los Sucesores de Hernando, 1908.

UNAMUNO, Miguel de. Sobre Don Juan Tenorio. *La Nación*, Buenos Aires, 24 de fevereiro de 1908.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. Don Quijote. In: CÁRCAMO, Silvia Inés (org.) *Mitos Españoles — Imaginación y Cultura*. Rio de Janeiro: APEERJ, 2000, p.95-103.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. Em torno da recepção do Quixote no Brasil: escritura cervantina e mito quixotesco. In: TROUCHE, André; REIS, Lívia (Orgs.) *Dom Quixote: Utopias*. Niterói, Rio de Janeiro: EdUFF, 2005. p. 19-31.

Data de recebimento: 30 out. 2015

Data de aprovação: 2 dez. 2015.